



TGV chindiano dará carona ao Brasil?

Está cada vez mais claro: interdependências explicam a união do bloco de países emergentes

O primeiro-ministro da China, Wen Jiabao, informou recentemente que o governo de Pequim está preparado para expandir a "democracia socialista" através do país, mas sob a liderança do Partido Comunista. "Vamos (...) melhorar as instituições democráticas, (...) incluindo a realização de eleições, e os processos de decisão, administração e fiscalização", disse.

Dias depois, o principal conselheiro do governo de Pequim, Jia Qinglin, defendeu a liberdade religiosa como forma de "promover a harmonia social" e "iniciar completamente a política de liberdade de culto".

Wu Jianmin, reitor da Universidade das Relações Exteriores da China, justificou neste ano, em Davos, o desinteresse da China em definir e controlar a agenda geopolítica global por estar contra a história, pouco edificante, da interferência do Ocidente nas políticas soberanas das outras nações. "Os países ocidentais gostam de dividir o mundo. (...) Têm por hábito dar lições aos outros. Vocês querem que as outras pessoas pensem pela vossa

cabeça. Ora, isso é impossível", acentuou.

Estas três posições, sobre temas aparentemente distintos, mostram uma realidade até agora pouco perceptível no Ocidente: a sociedade chinesa está mudando e o poder político adapta-se aos novos tempos... Muitos analistas acreditam que, neste contexto, o neologismo "Chíndia" pode fazer sentido: talvez o duopólio de nações asiáticas, que detêm um terço da população do planeta, seja capaz de influenciar o rumo das políticas mundiais.

Contrariamente, o acadêmico indiano Brahma Chellaney, do Centro de Pesquisa Política da Índia, reconhece que a idéia até é "compreensível", mas "imperfeita". O professor não tem medo de colocar o dedo na ferida: "Temos tendência para esquecer que estes dois países são como novos vizinhos. (...) Chineses e indianos tentam desvalorizar o fator competição, mas não podemos ignorar a realidade. A relação China-Índia vai ser, durante muitos anos, definida pela gestão competitiva".

Na difícil fase que atravessamos - procura de consensos para a adoção de políticas mais justas e

inclusivas - podemos, então, esperar algo de promissor e vantajoso do TGV (Trem de Alta Velocidade) chindiano?

É cada vez mais claro que o que une os Bric (Brasil, Rússia, Índia e China) são as suas diferenças e interdependências. Por paradoxal que pareça, a sua força agregada deriva da dialética entre a oferta e procura recíprocas. Os chindianos, sem os recursos naturais dos outros dois parceiros Bric, não conseguirão satisfazer a voracidade das suas indústrias, nem as necessidades de consumo dos seus 400 milhões de "novos-ricos".

Durante pelo menos mais 20/30 anos, as economias dos dois gigantes asiáticos vão tragar vorazmente milhões de toneladas de petróleo, gás, carvão, cobre, bauxita, alumínio, ferro e aço, além de um crescente contingente de commodities agrícolas, da soja ao frango e do suco de laranja à carne de boi, passando pelo café e pelo açúcar.

A China é nove vezes maior que a Índia. A demografia vai ter impactos diferentes nos dois países. No primeiro, a população tenderá a envelhecer mais rapidamente, como consequência das políticas restritivas da natalidade. Em breve será uma sociedade rica, mas envelhecida, perdendo dinamismo.

É muito provável que, à medida que avança para patamares mais sofisticados de desenvolvimento, a China transfira para países menos desenvolvidos, mas ricos em recursos naturais, uma boa parte das suas infra-estruturas de produção, a serem operadas por mão-de-obra menos qualificada e mais intensiva. A África é claramente a primeira escolha, face ao que já sucede no



Sudão e Angola, passando pelo Zimbábue e África do Sul.

Na China, a futura fonte de crescimento estaria orientada para o imenso mercado interno, com aquisições cirúrgicas no exterior, idênticas às participações em bancos e fundos de investimento americanos e europeus, ou à compra pela Lenovo da divisão de computadores portáteis da IBM. Porém, os receios ocidentais em relação ao gigantismo e voracidade da economia chinesa, juntamente com a desconfiança sobre a sua política de rearmamento e segurança (interna e externa), serão um constrangimento adicional que obrigará os dirigentes chineses a capitalizar os seus ativos na demanda interna.

Diverso será o desenvolvimento da Índia. Com melhores quadros e infra-estrutura, eficiência das reformas, modelos mais transparentes de governo, modernização da administração pública, reformas fiscais e ampliação das plataformas logísticas, os *baby boomers* indianos prometem ser consumidores compulsivos. Com velocidade maior

do que na China, devido à grande qualidade do seu ensino técnico, o processo de industrialização será mais seletivo, sofisticado e exigente.

Com o aprofundamento e desenvolvimento dos promissores "ninhos de crescimento" já existentes - indústrias aeronáutica, aeroespacial, militar e de bens de consumo durável, como imóveis, carros e electrodomésticos -, os empresários indianos produzirão para o mercado global e, cada vez mais, para o interno. A economia e os modelos de negócios hindus deverão se alinhar pelas matrizes anglo-saxônicas. De forma crescente, irão integrar-se nas cadeias de valor europeias, norte-americanas, canadenses, australianas e dos velhos e novos tigres asiáticos, como Cingapura, Coreia do Sul, Japão, Malásia, Filipinas e Vietnã.

Fusões e aquisições prometem ser o caminho para ganharem escala e competitividade em mercados mais desenvolvidos, envolvendo a compra de tecnologias, marcas e unidades de produção. Os conglomerados indianos Mittal, Tata e

Hindalo estão muito ativos na expansão para os mercados siderúrgicos e do alumínio nas regiões e países referidos. As privatizações de grandes empresas estatais, como Oil and Natural Gas Corporation (ONGC), Indian Oil e State Bank of India (SBI), prometem protagonizar grandes negócios.

O futuro apresenta-se promissor para o Brasil no atual contexto dos fluxos e refluxos da globalização. Sendo líder mundial em segmentos importantes do agronegócio e competitivo noutras áreas, como o petróleo e derivados, minério de ferro, materiais ferrosos e produtos siderúrgicos, o Brasil dispõe ainda de avançadas tecnologias e know-how nas cadeias de valor dos setores agrícolas e aeronáutico. A Rússia é uma importante fonte de abastecimento de hidrocarbonetos, níquel e dos outros seis metais que integram o grupo da platina, essenciais para as indústrias petrolíferas e automotivas.

David Fuller, analista que observa os mercados globais, a partir da City de Londres, não tem dúvidas: "Nenhum país está tão bem posicionado como o Brasil para tirar vantagens do próximo crescimento do agronegócio. Tem vastas regiões com terra arável e fértil, não apresenta sinais sérios de desertificação e tem água que nunca mais acaba".

Apesar deste otimismo, críticos não deixam de lamentar o insucesso brasileiro na luta contra a corrupção, a insegurança, o Estado perdulário e feroz cobrador de impostos (dos cidadãos e das empresas) e o desenvolvimento de infra-estruturas essenciais, mas atrasadas há pelo menos 30 anos...